

SER PAI /TER UM PAI: UMA BREVE ANÁLISE DA FIGURA PATERNA NA FICÇÃO BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Luciano da Motta Pereira

Orientadora: Cláudia Neiva de Matos

Doutorando

RESUMO: Propomos com este trabalho investigar a condição problemática que é “ser pai” e/ou “ter um pai” na ficção brasileira contemporânea, comparando os seguintes romances: *O filho eterno* (2007), de Cristovão Tezza; *Diário da queda* (2011), de Michel Laub; e *Barba ensopada de sangue* (2012), de Daniel Galera. É visível nessas obras como as experiências existenciais dos protagonistas são drasticamente abaladas e desorganizadas pela presença e/ou pela ausência da figura paterna. Na tentativa de superarem o presente tão perturbado por angústias e desamparo, os personagens recorrem às memórias. Realizam, assim, um movimento de duplo efeito: ao mesmo tempo que iluminam certos aspectos do passado – e isso possibilita algum tipo de redenção –, também suscitam questões ainda não tratadas, que supostamente deveriam permanecer nas sombras do esquecimento. Ao se deslocarem para o passado, pais e filhos colocam-se perante o dilema de rejeitarem, incorporarem ou resignificarem o legado familiar. No ponto de choque entre gerações e de crise de identidade, a alternativa mais viável para alguns é a fuga – deixar tudo para trás e recomeçar a vida em outro ambiente, ainda que por dentro continuem sendo corroídos pelas rugas paternas, pela carência de diálogo e afeto, pelo sentimento de não pertencimento. São sujeitos à deriva, continuamente indo e vindo, de um lugar a outro, de um relacionamento a outro, tentando

encontrar seus próprios caminhos.

PALAVRAS-CHAVE: Romance, Contemporaneidade, Paternidade, Memória.

Propomos com este trabalho investigar a condição problemática que é “ser pai” e/ou “ter um pai” na ficção brasileira contemporânea, comparando os seguintes romances: *O filho eterno* (2012), de Cristovão Tezza, publicado originalmente em 2007; *Diário da queda* (2011), de Michel Laub; e *Barba ensopada de sangue* (2012), de Daniel Galera. É visível nessas obras como as experiências existenciais dos protagonistas são drasticamente abaladas e desorganizadas pela presença (ou pela ausência) da figura paterna. Na tentativa de superarem o presente tão perturbado por angústias e desamparo, recorrem às próprias lembranças. Apoiam-se em sentimentos e em circunstâncias que ainda não desapareceram inteiramente da memória, como se pudessem encontrar nas ruínas de suas crises a força e a clareza que necessitam para prosseguirem com suas vidas.

Essa evocação do passado remete ao que Giorgio Agamben (2009, p. 58-59) afirma sobre quem é verdadeiramente contemporâneo: “aquele que não coincide perfeitamente” com o seu tempo, mas que tem a capacidade de “perceber e apreender o seu tempo” a partir do deslocamento e do anacronismo. Tal qual o meticuloso trabalho de escavação de um arqueólogo, os autores contemporâneos – através de seus personagens – revisitam o passado com o intuito de enxergarem melhor o próprio tempo. Encontram no mais moderno “os índices e as assinaturas do arcaico”.

Retornar às origens significa também lidar com feridas ainda não cicatrizadas: “o texto ficcional desempenha a possibilidade de ser a expressão linguística de um trauma, embora essa mesma expressão implique uma ambiguidade” (Helena, 2010, p. 14). A ação de rememorar dores latentes causadas por uma figura paterna distante e impassível (ou por um contexto familiar conturbado) gera dois efeitos: ao mesmo tempo que é capaz de iluminar certos aspectos do passado – e isso possibilita algum tipo de redenção –, pode suscitar questões ainda não tratadas, que deveriam permanecer nas sombras do esquecimento. Nos romances, o deslocamento para o passado deixa os personagens perante o dilema de rejeitarem ou incorporarem o legado paterno e familiar.

Nesse ponto de choque entre gerações e de crise de identidade, a alternativa mais

viável para alguns é a fuga – deixar tudo para trás e recomeçar a vida em outro ambiente, ainda que por dentro sejam corroídos pelas rugas com os pais, pela carência de diálogo e afeto, pelo sentimento de não pertencimento. Podemos dizer que são personagens/sujeitos à deriva, continuamente indo e vindo, de um lugar a outro, de um relacionamento a outro, tentando encontrar seus próprios caminhos. Em certos momentos nas narrativas, a fuga se dirige ao interior, por meio de digressões, pensamentos e conjecturas sobre o que foi e o que poderia ser.

Metamorfoses contemporâneas

As últimas décadas têm sido marcadas por grandes e aceleradas mudanças. Parece que, num piscar de olhos, tradições de longa data são reformuladas ou até mesmo extintas, e o que é considerado “novo” logo se torna obsoleto. As crenças cartesianas na razão e na ciência, como regentes da existência e do avanço da humanidade, foram profundamente sacudidas no século passado por um sem número de guerras, revoluções, estragos ambientais, atrocidades, mortes em massa. Prova disso é o forte ceticismo em nossos dias acerca de valores como verdade, unidade e progresso. Predomina uma corrente de pensamento que “rejeita totalidades, valores universais, grandes narrativas históricas, sólidos fundamentos para a existência humana e a possibilidade de conhecimento objetivo” (Eagleton, 2010, p. 27). Prevalecem o pluralismo e a descontinuidade.

Sem valores concretos para se apoiar, sem localizações sociais fixas, devido aos constantes deslocamentos culturais de classe, gênero, etnia e religião, o homem contemporâneo é alguém que vaga desamparado pela conveniência do espaço e da ocasião e que, por fim, acaba assumindo uma identidade “aberta, contraditória, inacabada e fragmentada” (Hall, 2005, p. 46). A noção de uma interioridade mais ou menos estável foi tragada pelo turbilhão de experiências e representações que agitam o cotidiano. Hoje, é perfeitamente possível alguém assumir diferentes “eus”: uma pessoa dentro de casa, um tipo profissional no ambiente de trabalho, um perfil nas redes sociais, um avatar no universo dos jogos eletrônicos, e assim por diante.

O sujeito contemporâneo incorpora “uma densidade plural de sensações, de formas de

pensar e de organização perceptual” que “opera-se a reboque da aceleração ‘supersônica’ de mudanças através do tempo” (Araújo, 2002, p. 82). Essas dinâmicas intercambiáveis da identidade, construídas com base em referenciais étnicos, culturais e geracionais, que estão em constante mutação, provocam um senso coletivo de inadequação, estranhamento, cansaço e esterilidade – indícios do período de transição que vivemos, talvez a derradeira metamorfose da Modernidade.

As pressões do mundo globalizado também causam muitos danos aos indivíduos. Recorro às palavras de Zygmunt Bauman (2011, p. 64): “este é um mundo duro, destinado a pessoas duronas. É um Universo de indivíduos abandonados, contando apenas com as próprias habilidades, tentando ultrapassar e sobrepujar o outro”. A busca pela felicidade e a necessidade de consumir os próprios desejos tornaram-se, acima de tudo, a força motriz de muitas pessoas, sem tempo para valores como abnegação e empatia. Tudo isso afeta drasticamente o dia a dia nos espaços privados e comunitários:

Lares em muitas áreas urbanas ao redor do mundo hoje existem para proteger seus habitantes, não para integrar as pessoas em suas comunidades. [...] A separação e a manutenção da distância tornaram-se a estratégia mais comum na luta urbana pela sobrevivência (BAUMAN, 2011, p. 72).

É crescente o sentimento de perigo e disputa nos últimos anos, o que só reforça os muros de separação entre “nós” e “eles”. Paralelamente, a carga de ininterruptas urgências e o volume de exigências e obrigações exilam os seres humanos em seus mundos particulares e instáveis, desfazendo os (poucos) laços de sociabilidade ainda atados. Resta um “individualismo de penosa solidão”, que só aumenta “o vazio das almas que as mercadorias se apressam em preencher constantemente” (Bordini, 2007, p. 52).

Com tantas contestações e desconfianças, as relações interpessoais – e, em particular, as relações familiares – vêm sendo profundamente abaladas. A atual conjuntura pode ser relacionada à teoria da angústia formalizada por Freud através da palavra *Hilflosigkeit*, “traduzida como incapacidade de se sair bem de uma situação difícil; de se virar; abandono; impotência e estado de desamparo, aquele que está sem ajuda, desarmado” (Macêdo, 2012, p. 100-101). Na Psicanálise, esse conceito se refere ao estado de impotência do recém-nascido para empreender uma ação eficaz – algo muito visível em nossos dias entre jovens e adultos,

tamanha é a precariedade de suas vidas solitárias e inseguras. Isso reflete ambientes familiares “em deliquescência” (Ferry, 2010, p. 92).

Etimologicamente, o termo “família” procede do latim *famulus*, que significa “criado, servidor”. Designava originalmente o “conjunto de empregados de um senhor” e só mais tarde “passou a ser utilizado para denominar o grupo de pessoas que vivem numa casa, unidas por laços de sangue e autoridade de um chefe comum” (Silveira, 2000, p. 58). As ciências sociais em geral concordam que “todas as sociedades construíram alguma forma de família”, estruturada principalmente por relações de afinidade, descendência e consanguinidade (Silva, 2009, p. 136-137), e também por demandas econômicas e de subsistência.

Cabe lembrar aqui os estudos de Gilberto Freyre sobre o papel da família patriarcal na formação da sociedade brasileira. Durante o período colonial, os elos de convivência entre livres e escravos, na casa grande, na senzala e nos engenhos, convergiam na figura do chefe da família. Superior a tudo e a todos, o pai era o “centro moral” e a principal ligação entre as vidas pública e particular da família (Oliveira, 2011, p. 91). Todos os membros da casa viviam sob sua tutela. Por causa disso, ele devia ser suprido em suas demandas sem resistência ou contestação.

É verdade que outros tipos familiares existiam naquela época, mas a obra de Freyre destaca o modelo patriarcal como “o grande fator colonizador do Brasil, [...] a força social que se desdobra em política, constituindo-se na aristocracia colonial mais poderosa da América” (Freyre, 2003, p. 81).

Tal estrutura familiar começou a sofrer seus primeiros abalos na Europa a partir do expressivo crescimento urbano iniciado durante a Primeira Revolução Industrial, entre os séculos XVIII e XIX. No Brasil, em 1808, a vinda da família real portuguesa acelerou os processos de industrialização e de modernização das áreas urbanas. O movimento de saída das zonas rurais para as cidades afetou não só os meios de produção, mas também a disposição de trabalhar por um projeto econômico coletivo, extensivo a todos os componentes do lar. Assim, a mulher e os filhos passaram a desempenhar papéis antes exclusivos da figura paterna, o que contribuiu decisivamente para a destituição do pai de sua posição centralizadora.

No decorrer dos anos, outros fatores também foram importantes nessas transformações, como a revolução sexual e o avanço da medicina nos métodos contraceptivos

na década de 1960. As novas configurações das moradias urbanas também representaram um significativo viés de mudanças: além da redução do tamanho das construções, houve uma multiplicação de cômodos no interior das casas. Foram os primeiros redutos de vida privada individual dentro da vida privada familiar. Desde então, os habitantes do lar começaram gradativamente a se isolar uns dos outros.

Hoje, no Brasil e em boa parte dos países ocidentais, definir família tem sido muito complicado, mais do que supõe o senso comum. Calorosos debates vêm sendo travados a respeito dos papéis dos agentes familiares e do atual abandono de muitos pais em relação à formação de suas crianças e adolescentes. Muitos alertam ser prejudicial transferir totalmente o cuidado dos filhos para outros agentes, como os professores, ou então relegar os pequenos ao entretenimento dos dispositivos eletrônicos e das mídias.

Há quem defenda a família de forma mais conservadora, como “base da sociedade e garantia de uma vida social equilibrada, célula sagrada que deve ser mantida intocável a qualquer custo”. Outros afirmam, em contrapartida, que esse modelo seria um “entrave ao desenvolvimento social”, “o local onde as neuroses são fabricadas e onde se exerce a mais implacável dominação sobre as crianças e as mulheres” (Reis, 1984, p. 99). Essa discussão se estende às questões de gênero – famílias com dois pais (ou com duas mães) pleiteiam o direito de adotarem filhos sem represálias ou restrições legais.

É claro que toda essa celeuma em torno do tema “família” não se limita a polos excludentes. A questão é muito mais complexa. De qualquer forma, a cada dia emergem novos paradigmas, novas estruturas familiares que mudam radicalmente o que foi estabelecido até aqui, como expõe Maria Rita Kehl:

Na confusa árvore genealógica da família tentacular, irmãos não consanguíneos convivem com “padrastos” ou “madrastas” (na falta de termos melhores), às vezes já de uma segunda ou terceira união de um de seus pais, acumulando vínculos profundos com pessoas que não fazem parte do núcleo original de suas vidas. Cada uma dessas árvores híper-ramificadas guarda o traçado das moções de desejo dos adultos ao longo das várias fases de suas vidas – desejo errático, tornado ainda mais complexo no quadro de uma cultura que possibilita e exige dos sujeitos que lutem incansavelmente para satisfazer suas fantasias (KEHL, 2003).

Nesse tempo de modelos familiares tão diversificados e complexos, em uma sequência

aparentemente ininterrupta de metamorfoses, é possível verificar que ainda têm forte ressonância, para o bem e para o mal, as palavras, os gestos e as ações do pai, mesmo que formalmente não ocupe mais o “centro” do lar. Quando a figura paterna é frágil ou ausente, nota-se que as relações futuras dos filhos tendem a ir pelo mesmo caminho; se é severa ou até violenta, a herança para quem conviveu – ou ainda convive – com esse tipo de pai acaba se tornando, em muitos casos, um pesado fardo.

Um pai em formação, filhos e legado paterno

Em *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, a trama começa por um acontecimento memorável: o nascimento de Felipe, o primeiro filho de um jovem casal. Acompanhamos os desdobramentos da chegada desse menino como se estivéssemos bem ao lado do pai, em uma narrativa atravessada constantemente pelas lembranças do passado e pelos desafios do presente.

No começo da história, somos apresentados ao pai-protagonista: um homem “provisório”, ainda não realizado profissionalmente, frustrado com seus projetos pela metade; “alguém que, aos 28 anos, ainda não começou a viver. A rigor, exceto por um leque de ansiedades felizes, ele não tem nada, e não é ainda exatamente nada” (Tezza, 2012, p. 9).

Com a triste confirmação de que o menino nasceu com síndrome de Down, logo se evidenciam as tensões dessa família e vêm à tona as crises que habitam o interior do pai, que não desejava a criança, diferentemente da mãe. Os pensamentos paternos alternam entre a dura realidade de cuidar do filho e episódios de sua própria história. Nesse reencontro com o passado, conceitos de paternidade e de família são colocados em xeque:

As famílias. Família é um horror, mas um horror necessário – ou inevitável, o que dá no mesmo. Agora terei a minha, ele pensa. [...] Família é sistema. Daqui a cinquenta anos, ele imagina, sem de fato acreditar na fantasia que põe no corpo, não haverá mais famílias, e o mundo será melhor (TEZZA, 2012, p. 24, 26).

O filho eterno é, em essência, uma história sobre “ser pai”. E a dificuldade de o protagonista encarar essa nova realidade parece ter origem na ausência da figura paterna em

sua própria infância: “Desde que o pai morreu, muitos anos antes, o seu padrão de normalidade se quebrou. Tudo o que ele fez desde então desviava-o de um padrão de normalidade” (Tezza, 2012, p. 40). As poucas lembranças familiares às quais temos acesso são episódios negativos, como quando se recorda da correção recebida do pai aos cinco ou seis anos por ter-se recusado a obedecer. Recortes de memórias da adolescência, como seu envolvimento com drogas e a participação em pequenos delitos, também reforçam a tese de que a família do pai não era um ambiente tranquilo.

Avançando na história, descobrimos que o protagonista havia deixado sua casa na juventude a fim de “viajar pelo mundo e escrever seus livros”. Em sua ingênua pretensão, acreditava estar dizendo “não à universidade e à vida no ‘sistema’” (Tezza, 2012, p. 120). No entanto, em sua fuga do passado familiar e em busca de afirmação, ele só encontra mais frustração e dificuldades: primeiro, na Escola de Oficiais da Marinha Mercante do Rio de Janeiro, tem de encarar a clausura de um regime fechado, com o agravante de ser o período de maior rigidez da ditadura militar no Brasil. Anos mais tarde, na Europa, trabalhando na Alemanha e passando por Portugal, mas como imigrante ilegal, acaba vivendo sob constante tensão e desassossego.

De volta ao Brasil, ainda sem rumo, vemos um personagem à deriva, frágil e inseguro, que não consegue sair do “ponto-zero” da vida. Em pouquíssimo tempo, ele entraria em um casamento e teria filhos em estado emocional tão precário:

estava na avenida Brasil, de mala na mão, sem saber o que fazer da vida, exceto que seria um escritor. Não era uma decisão racional, pensada e pesada – era uma espécie de claustrofobia crescente que de tempos em tempos emergia furiosa de sua alma para promover alguma mudança radical. Agora estava ali, sozinho, um pé no sonho, outro também, e sentiu o sopro do medo tomando-lhe o corpo, segurando seus passos, enquanto embarcava no ônibus de volta (TEZZA, 2012, p. 121).

Já tomado pelos cuidados do pequeno Felipe, o pai ainda nutre aquele desejo de juventude de fugir de tudo. Em muitos momentos da narrativa, vemos que ele cogita voltar para a fase anterior à do casamento, mesmo tão complicada e cheia de percalços. Seu conceito egoísta de normalidade entra em colapso. Uma nova premissa o atormenta: “Rompimento. Os raros momentos em que a vida se esgarça e se rompe, e é inútil esticar a mão para trás porque

não recuperamos o que se foi” (Tezza, 2012, p. 119).

O filho e a família tornam-se um ponto sem volta. Sem estrutura para ir além de suas próprias hesitações, falta a esse pai o mínimo de bagagem emocional para encarar de frente um momento tão crítico: aprender a ser pai sem ter tido um, e pai de uma criança atípica, um filho que “não é exatamente um filho”, “uma aporrinhção monumental”, um filho que “quebrou-lhe a espinha” (Tezza, 2012, p. 68, 73, 81).

Nos outros romances, as crises estão centradas nos filhos e no dilema de “ter um pai”. *Diário da queda*, de Michel Laub, conta a trajetória de um homem em conflitos com o passado. A queda do título deve-se a um terrível acontecimento da adolescência: aos treze anos de idade, durante as festividades do Bar Mitzvah, o protagonista deixa cair de propósito seu colega de escola, João, arremessado ao ar pela turma, o que provoca graves consequências ao colega e a si mesmo.

As lembranças da queda vão sendo reveladas aos poucos para o leitor, entrelaçadas às memórias do pai do protagonista – um homem acometido pelo mal de Alzheimer – e do avô – um sobrevivente dos campos de concentração de Auschwitz, durante a Segunda Guerra. Assim, acessamos não somente os traumas de alguns indivíduos ou de uma família, mas também as dificuldades de se lidar com as agruras de uma doença degenerativa e com as consequências das atrocidades sofridas pelo povo judeu nas gerações seguintes.

Tudo isso afeta substancialmente a maneira como o protagonista enxerga o mundo e sua forma de expor o que sente. É enorme a sua dificuldade de narrar a história. O tempo todo ele manifesta o desejo de romper com o ciclo interminável de lembranças sofridas. Afirma que não quer recordar os eventos que envolveram sua família, nem as circunstâncias da queda do colega de escola, muito menos os conceitos do avô e do pai que pesam sobre seus ombros. Porém, o que de fato acontece é justamente o contrário, como o próprio protagonista reconhece: “nem por um segundo me ocorreria repetir essas ideias se elas não fossem, em algum ponto, essenciais para que eu possa também falar do meu avô, e por consequência do meu pai, e por consequência de mim” (Laub, 2011, p. 9).

A narrativa almeja certa ordem, organizada em tópicos e seções, como se vê em “Algumas coisas que sei sobre o meu avô” ou “Algumas coisas que sei sobre o meu pai”, e ainda “Algumas coisas que sei sobre mim”. Porém, o que ocorre de fato, em longos períodos

e divagações, é um entrecruzar de memórias: a vida do filho é inseparável da vida do pai, que está entranhada da vida do avô.

Os embates entre as gerações dessa família são evidenciados nos conceitos e nos valores (re)transmitidos à exaustão através dos registros nos cadernos do avô, cujos verbetes atuam como normas regimentais da casa. Sua opção deliberada pela solidão e pelo silêncio em vez do diálogo pavimenta o caminho do seu suicídio. Só que essa desgraça – que é a queda do avô e, por extensão, a queda de toda a família – demora a ser relatada pelo filho em suas muitas idas e vindas na história, como se ele também evitasse reviver mais essa chaga do passado não cicatrizada.

A visão equivocada que o avô tinha da vida e a forma escolhida para desistir de tudo e morrer assombram o pai por muitos anos, conforme ficamos sabendo através do filho-narrador: “a figura paterna que fez o que fez, que largou o filho da maneira como largou, então imagino o peso para o meu pai” (Laub, 2011, p. 119). Mas em vez de mudar hábitos e tomar outros rumos, o pai assimila e repete alguns dos procedimentos do avô: ficar sozinho, incomunicável, sem expressar sentimentos ou promover o diálogo em casa. Essas atitudes marcam profundamente o relacionamento pai-filho e os afastam um do outro. Somente após perceber os primeiros sinais do mal de Alzheimer é que o pai passa a ter uma postura diferente e a enxergar o mundo com outros olhos.

O filho vai desenvolvendo sua própria concepção de mundo ao longo da narrativa, emitindo conceitos sobre a vida que visam dissociar-se do passado. Um exemplo é sua definição da figura paterna: “é isso que um pai faz com seu filho, ele o protege e ensina e dá carinho e conforto físico e material”. Essa afirmação ganha um complemento mais à frente: “Um pai não pode agredir a mulher na frente do filho. Não pode correr o risco de agredir. Não pode nem pensar em algo que o faça correr esse risco” (Laub, 2011, p. 48, 147).

Apesar de tudo, a visão patriarcal e pessimista do avô e a falta de diálogo e afeto com o pai impactam tão profundamente a trajetória do filho-narrador que o impelem ao mesmo isolamento, à mesma dificuldade de se abrir e conversar, com um agravante: o vício da bebida. É mais um personagem sem estrutura familiar e emocional, mais um filho sem uma referência paterna que lhe dê suporte e alguma segurança para gerir a própria vida.

Em *Barba ensopada de sangue*, de Daniel Galera, “ter um pai” também envolve

rememorar um terrível episódio de suicídio. Essa tragédia é anunciada logo no primeiro capítulo, quando o filho ouve as intenções do pai de se matar e de guardar segredo: “E por isso tu é melhor do que eu e teu irmão. Eu tenho orgulho disso e te amo por isso. E agora eu preciso que tu fique do lado do teu velho” (Galera, 2012, p. 33). Da intensa discussão entre os dois, vêm à tona histórias do passado familiar: a infância, as brigas e a mágoa profunda com o irmão Dante, os mistérios do avô Gaudério. Nada, porém, parece convencer o pai a mudar sua radical e derradeira decisão.

No capítulo seguinte, vemos o filho chegando a Garopaba, cidade litorânea do sul de Santa Catarina. O deslocamento do protagonista para aquele lugar parece ser uma tentativa desesperada de se reerguer das angústias que carrega. Deixa para trás uma sequência de perdas: o suicídio do pai, a indiferença da mãe, a traição da amada Viviane que ficou com seu irmão Dante. As únicas coisas que lhe restam são a cachorra Beta e os mistérios que cercam a figura de Gaudério na cidade praiana.

Tentando ser o mais discreto possível, o filho investiga o paradeiro do avô. Em sua busca por informações, começa a preencher suas próprias lacunas afetivas e identitárias. Revirar o passado significa recuperar de alguma forma, através da figura do avô, as referências paternas perdidas.

Outro elemento muito importante no romance é o fato de o protagonista sofrer de uma doença neurológica, chamada de prosopagnosia. Trata-se de uma disfunção que impede a pessoa de reconhecer rostos, adquirida por causa de traumas agudos na cabeça, derrames, doenças degenerativas ou de forma hereditária, resultado de algum problema genético. Esse transtorno dificulta bastante a aproximação e o estabelecimento de vínculos, especialmente com gente conhecida há pouco tempo, sendo mais um obstáculo na busca do filho por respostas em uma cidade arredia a estranhos.

Ao longo da narrativa, o protagonista acaba passando pelos mesmos percalços do avô Gaudério em Garopaba, uma trajetória marcada por amizades e desconfianças, paixões e conflitos. Isso reforça como o legado paterno atravessa gerações, modela identidades e perpetua as dificuldades de se conviver consigo mesmo e com o outro.

A semelhança com o avô desperta nos habitantes mais antigos lembranças que remetem aos problemas causados pelo velho. Além disso, a aparência física do jovem passa

por profundas transformações, até se tornar uma imagem viva do seu antepassado:

Entra no banheiro, se olha no espelho e enxerga um velho. Passou a vida toda vendo o rosto pela primeira vez na imagem refletida mas agora é diferente. Pode ver os contornos da caveira por trás da testa e das maçãs do rosto. Os olhos estão escovados nas órbitas. A pele parece queimada apesar de semanas em sol. A barba comprida está cheia de areia. Não lembra de como era antes mas sabe que não era assim (GALERA, 2012, p. 377-378).

Ressignificações e transformações

Não obstante a quantidade de obras contemporâneas que evocam um cenário distópico, haja vista a atual conjuntura de crise e dissolução das chamadas “grandes narrativas”, há produções literárias recentes que ainda conservam símbolos e imagens associadas à esperança e à possibilidade de transformação. Nos romances aqui analisados, conhecemos protagonistas em desamparo e solidão, desajustados em sua subjetividade. Mas eles não permanecem assim até o final da narrativa. De um lugar de desassossego e desencontro consigo mesmos e com o outro, cada um deles vai de encontro a tudo que possa paralisá-los ou levá-los a caminharem para trás (o mesmo ocorre com alguns dos personagens com os quais eles interagem).

No clássico *O herói de mil faces* (1949), o antropólogo Joseph Campbell desenvolve a ideia de que todas as histórias, lendas e mitos da humanidade detêm uma mesma estrutura de eventos e etapas (com variações). A jornada externa do protagonista espelha a viagem interior do indivíduo rumo a um novo patamar em sua existência, após superar limitações históricas pessoais e locais e finalmente atingir um tipo de evolução. Para isso, o herói deixa um estado de normalidade e passividade a partir de um acontecimento forte o suficiente para lançá-lo em um trajeto de provas e autodescobertas.

Lidar com a paternidade é, sem dúvida, a questão central que desencadeia as transformações dos protagonistas que vimos nos romances. À medida que os dramas familiares são expostos nas narrativas, nota-se um avanço na “jornada pessoal” quando existe coragem suficiente para se encarar os dilemas e as questões interiores com a figura paterna, mesmo que no horizonte de expectativas não haja qualquer vislumbre de mudança.

Em *O filho eterno*, à medida que o pequeno Felipe vai crescendo e contornando as

muitas limitações que provém da síndrome de Down, o pai-protagonista cresce junto com ele. Os cuidados especiais que o filho recebe correspondem ao progresso do pai no enfrentamento de seus próprios conflitos existenciais. Apesar de saber que nunca mais teria uma vida normal, e resistir a isso, ele decide não deixar seu menino desamparado. Encontra na passagem do tempo os antídotos para o senso de cansaço e esgotamento que o afligem. Seu egoísmo também vai sendo pouco a pouco diluído até que, enfim, ele percebe a impossibilidade de viver sem aquele filho.

Nas primeiras páginas, a narrativa põe o leitor lado a lado com aquele jovem pai e seus conceitos idealizados sobre a paternidade: “Será um pai excelente, ele tem certeza [...] Uma criança é uma ideia de uma criança, e a ideia que ele tinha era muito boa” (Tezza, 2012, p. 14, 19). Mas a difícil missão de cuidar de um menino tão peculiar rapidamente vai de encontro a quaisquer de suas boas intenções: “aquela criança horrível já ocupava todos os poros de sua vida. Haveria, para todo o sempre, uma corda invisível de dez ou doze metros prendendo os dois” (Tezza, 2012, p. 35). Sua crise é tão intensa que o pai condiciona por um tempo a sua liberdade à morte do próprio filho: “A ideia – ou a esperança – de que a criança vai morrer logo tranquilizou-o secretamente” (Tezza, 2012, p. 39). Antes de qualquer mudança pessoal, o pai “ainda imagina que continua a mesma pessoa, dia após dia; é como se arrastasse consigo o fantasma de si mesmo, cada vez mais pesado, mês a mês” (Tezza, 2012, p. 69).

Não existe no romance uma grande experiência de transformação. Esta se dá nos pormenores de acontecimentos aparentemente banais: nas idas e vindas ao médico especialista em genética, nos primeiros passos e no balbuciar das primeiras palavras do menino. A demora em perceber que o problema não era Felipe, mas ele mesmo, se deve às suas frustrações com o passado, especialmente com a escrita. O dia a dia com o filho reajusta seu foco e seus pensamentos: “Eu não posso ser destruído pela literatura; eu também não posso ser destruído pelo meu filho – eu tenho um limite: fazer benfeito, o que posso e sei fazer, na minha medida” (Tezza, 2012, p. 159). Até que um evento inesperado acelera as mudanças do protagonista:

Só descobriu a dependência que sentia pelo filho no dia em que Felipe desapareceu pela primeira vez. É, talvez, ele refletirá logo depois, ainda em pânico, dando corda à sua rara vocação dramática, que agora lhe toma por inteiro, a pior sensação imaginável da vida [...] o mesmo filho que ele desejou morto assim que nasceu, e que agora, pela ausência, parece matá-lo

(TEZZA, 2012, p. 161,169).

O alívio só chega quando finalmente reencontra o filho, achado por soldados da PM “no pátio da universidade, próximo dali, brincando sobre um jipe sem capota, conversando sozinho, animado ao volante, vivendo seu teatro autista” (Tezza, 2012, p. 175). Essa descrição de como o menino foi encontrado parece espelhar os anos de inocência e ilusão do pai em sua juventude, uma forma de pensar que deve ficar para trás a partir de agora. O pai, enfim, supera a menoridade.

Uma visão otimista encerra o romance. Primeiro, tratando da rotina com o filho como um tempo de “estabilidade tranquila”. A narrativa avança vinte anos após o nascimento de Felipe, e não vemos mais os entraves existenciais como pesos que mantinham o pai em permanente estado de condenação. Algumas lembranças retornam, como o dia em que, aos doze anos, agrediu um colega da escola que o ridicularizava constantemente. Agora, ele entende que a força para enfrentar aquela situação deve ser canalizada para que seu filho não passe por uma experiência de desamparo como a dele: “eu tenho que viver mais que meu filho, ele sonha, para jamais deixá-lo sozinho” (Tezza, 2012, p. 201).

No final, o pai abraça definitivamente os mistérios de tudo que poderia acontecer consigo mesmo e com sua família dali para frente. A metáfora que envolve a imprevisibilidade de uma partida de futebol – e o inesperado é um diferencial positivo desse esporte – aponta a vitória da esperança sobre os vultos da incerteza: “Nenhum dos dois tem a mínima ideia de como vai acabar, e isso é muito bom” (Tezza, 2012, p. 222).

Em *Diário da queda*, a transformação do filho-protagonista se dá quando ele reformula o conceito do avô sobre a “inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares”. As atrocidades em Auschwitz e as crueldades que mancharam de sangue o século XX formaram o alicerce sobre o qual o avô fundamentou sua forma bastante negativa de ver o mundo. Isso é muito presente nas gerações seguintes dessa família – pai e filho não conseguem encarar a vida de outra maneira. Em determinado momento da narrativa, o filho avalia como esse conceito foi enraizado em seu pai, reforçado dramaticamente pelo suicídio do avô:

Ninguém mais que ele poderia ter se agarrado a isso para justificar toda e

qualquer atitude ao longo da vida: ele poderia ter sido o pior patrão e o pior amigo e o pior marido e o pior pai porque aos catorze anos se defrontou com esse conceito, diante do meu avô caído sobre a escrivaninha (LAUB, 2011, p. 134).

Os cadernos do avô também serviram de suporte ideológico e afetivo para essa família. Alguns verbetes são emblemáticos, como o conceito “Esposa”, em que o avô afirma: “pessoa que se encarrega das prendas domésticas, cuidando para que sejam empregados procedimentos os mais rigorosos de higiene na casa”. Ele destaca no fim: “para que no dia do marido não existam perturbações quando ele deseja ficar sozinho” (Laub, 2011, p. 31).

O pai assimila todos esses parâmetros negativos. Por um tempo, repete cada um desses procedimentos. Como seu antepassado, começa a registrar em um livro as suas memórias e a sua forma de ver o mundo. Ninguém pode perturbá-lo, exatamente conforme prescrito nos verbetes dos cadernos do avô. Um detalhe importante: o pai escreve no mesmo escritório onde ocorreu o suicídio. Quando alguém ocupa aquela cadeira do avô, é como se estivesse vivendo uma espécie de *karma* familiar, perpetuando um ciclo que ninguém sabe como romper:

[...] eu não poderia me opor ao que virou a grande distração do meu pai: as horas no escritório como o meu avô, um projeto mais ou menos como o do meu avô, um livro de memórias com os lugares aonde meu pai foi, as coisas que ele viu, as pessoas com quem falou, uma seleção dos fatos mais importantes da vida dele durante mais de sessenta anos (LAUB, 2011, p. 93).

Solidão e melancolia, somadas à falta de diálogo e afeto, macularam de forma quase que irremediável o relacionamento pai-filho, afastando-os um do outro. Essas marcas são também evidentes nas dificuldades do filho em seus três casamentos e no vício da bebida que por muito pouco não resulta em mais uma tragédia nessa família.

A confirmação de que o pai estava desenvolvendo o mal de Alzheimer muda o curso dos acontecimentos. O que seria má notícia para qualquer pessoa assinala o início da transformação paterna. Ele passa a ter uma postura diferente e a enxergar o mundo com outros olhos, especialmente no que se refere aos conceitos sobre “Esposa” e “Família”. Lendo o livro de memórias, o filho encontra a confissão de que seu pai só teve forças para superar os dias de choro pela morte do avô quando conheceu a mulher que seria sua esposa:

O pior momento tinha passado. Acho que a história toda começou ali. Pelo menos a história que vale. A que eu quero contar nesta carta, ou neste livro, leia como você quiser. Tudo o que tenho para dizer começa ali, eu segurando a sua mãe sem dizer nada num salão de baile (LAUB, 2011, p. 146).

Embora tenha passado boa parte da vida imobilizado por uma compreensão errônea de como o mundo deveria ser, o pai conseguiu ir adiante, superando os traumas do passado e lutando contra a doença no presente. A mudança de rumos do pai desencadeia uma quebra de paradigmas na família e abre uma nova perspectiva para o filho, a ponto de fazê-lo acreditar ser possível existir “algo bom na relação entre um filho e um pai” (Laub, 2011, p. 137).

No fim do romance, é o filho-protagonista que recebe uma grande notícia: a gravidez da sua terceira mulher. Agora, ele seria “pai” e teria a oportunidade de mudar tudo. A chegada da paternidade torna-se seu verdadeiro Bar Mitzvah, não o que havia acontecido aos treze anos, pois é somente nesse ponto da vida que ele faz a transição para a fase adulta; deixa de transferir a responsabilidade de seus atos ao pai, ou ao seu passado, e se apropria da própria história.

Aqui descobrimos que o diário que estamos lendo (o próprio romance) tem um destinatário bem definido: seu filho, que é a quarta geração da família. O avô havia escrito cadernos; o pai, um livro de memórias. O filho-protagonista produz um diário através do qual expõe o trágico legado familiar e a queda na escola judaica que tanto o atormentou, e também suas razões:

se pela última vez estou dizendo o que penso a respeito é para que no futuro você leia e chegue às suas próprias conclusões. Porque não vou atrapalhar sua infância insistindo no assunto. Não vou estragar sua vida fazendo com que tudo gire em torno disso (LAUB, 2011, p. 151).

Uma vez que os desencantos pela figura paterna e pela própria vida são reformulados, o filho adquire um senso de esperança. Para Stefania Chiarelli (2013, p. 29), esse recomeço é representado não apenas “pelo filho que virá”, mas também pela “possibilidade de reavaliar padrões”. Uma nova forma de pensar e um novo conceito de paternidade agora movem esse protagonista antes perdido e condenado pelo passado: “Ter um filho é deixar para trás a inviabilidade da experiência humana em todos os tempos e lugares” (Laub, 2011, p. 150).

Questionar e ressignificar o presente também constitui uma marca de *Barba ensopada de sangue*, sendo notável a transformação do protagonista nesse processo. Diferentemente de *O filho eterno* e *Diário da queda*, aqui a figura paterna fica em segundo plano na história. Na verdade, com o suicídio do pai, o filho perde essa referência em definitivo. A única conexão paterna que lhe resta é a cachorrinha Beta. Ele decide levá-la consigo, contrariando o último pedido de seu pai: que ela fosse sacrificada.

Já sabemos que o filho, em busca de respostas e afirmação, se desloca para Garopaba atrás dos mistérios em torno do avô Gaudério. Os caminhos tomados pelo protagonista na cidade aos poucos vão se alinhando à trajetória do próprio avô. A semelhança física entre os dois é visível, e por isso mesmo os habitantes mais antigos rejeitam a sua presença ali. Parecem associá-lo a eventos ruins que não devem ser lembrados.

O tempo passa, e o jovem rapidamente se familiariza com a rotina da cidade. Novas amizades, casos amorosos, conversas fortuitas no trabalho e na rua servem de suporte à sua busca pessoal. Essas circunstâncias são desenvolvidas nas duas primeiras partes do romance, ao mesmo tempo que os indícios sobre o paradeiro de Gaudério vão se transformando em evidências. Até finalmente o protagonista descobrir que o velho havia deixado Garopaba para refugiar-se em algum lugar nos montes que beiram a costa daquela faixa litorânea.

Obviamente, é para lá que o protagonista se dirige. Antes, porém, a narrativa antecipa com presságios o que está por vir na história: “Tem a sensação de que o oceano *quer* alguma coisa dele mas não consegue imaginar o que seria essa coisa” (Galera, 2012, p. 319). Também há passagens que reforçam como o neto vai se identificando com a figura do avô:

passou as últimas horas sonhando que era o avô perambulando pelos morros e costões em tardes repletas de relâmpagos, respingos de chuva, espirros das ondas quebrando nas pedras, manadas de vacas abrindo trilhas, trovoadas no mormaço, capim farfaldado por cobras, aves negras em fuga e ventos oceânicos (GALERA, 2012, p. 330).

É justamente nesse ambiente de chuva, ventos e relâmpagos, no alto de uma serra inóspita, que ocorre o esperado encontro com o avô. Seguindo algumas poucas pistas, caminhando por trilhas sinuosas e desbravando trechos de mata fechada, o jovem se depara acidentalmente com um portão de fios de arame enferrujados. Toda a terceira e última parte

do romance possui uma narrativa meticulosamente detalhada, imergindo o leitor em um cenário dramático, mítico, cheio de provações. Cada etapa da jornada serve de preparação para o tão esperado encontro.

Não se aparta dele a companhia fiel da cachorra Beta. É como se a figura paterna o acompanhasse naquele momento crucial, mesmo que de forma inusitada. O árduo caminho de volta ao passado, de confrontos e de acerto de contas, que o pai não teve coragem de percorrer, agora está sendo trilhado pelo filho.

A visão do avô é, ao mesmo tempo, transcendental e decadente, como se estivéssemos perante um antigo e respeitado sacerdote ou ancião, só que em um trono improvisado: “O velho está de frente para ele, olhando, acomodado no que parece ser uma velha cadeira de balanço forrada de pelegos de ovelha [...] os dois braços apoiados nos encostos e sua barba cinzenta desce até a metade do peito” (Galera, 2012, p. 363).

Um breve diálogo acontece entre os dois. Ambos tentam compreender o que está se passando ali. Uma estranha e momentânea harmonia se estabelece, mas é rapidamente interrompida assim que o neto elucida os reais motivos de sua aparição naquela caverna:

O velho recolhe a mão e parece confuso.
Tu é real?
Sim. Eu sou teu neto.
O velho esfrega os olhos, pressiona a ponte do nariz entre o polegar e o indicador e tenta olhar de novo, incrédulo. Começa a arfar pelo nariz.
Tu nem sabia que tinha um neto, né.
Tu não devia tá aqui [...]
Faz meses que eu tava tentando descobrir o que aconteceu contigo, vô. Todo mundo acha que tu tá morto [...]
Isso não tá certo, tu não devia tá aqui (GALERA, 2012, p. 366).

Com uma força quase sobre-humana, o avô avança contra seu neto, ferindo-o com uma facada na cintura. O rapaz foge desnortado pela mata, ainda sem entender aquilo tudo. Acaba despencando do alto da montanha, caindo no mar agitado pela tempestade. É interessante notar outro evento relacionado a uma queda. Lembramos que na obra de Laub, o protagonista é atormentado pela culpa ao permitir o tombo violento de seu colega durante o Bar Mitzvah. Aqui, as circunstâncias são diferentes, porém em ambos os romances a queda figura enquanto etapa fundamental no desenvolvimento da autonomia.

Uma vez nas águas geladas e furiosas, a boa condição física do protagonista impede que ele seja tragado pelas ondas. Arrastado pelas correntes do mar, vê a si mesmo como “um pedaço de carne insignificante, à deriva” (Galera, 2012, p. 370). Até aquele encontro incomum com o avô, esse era seu estado interior: um sujeito totalmente perdido, sem identidade. A queda no mar revolto representa seu processo de transição: suas expectativas são chacoalhadas naquele turbilhão. Ele ainda consegue coordenar os pensamentos enquanto se esforça para permanecer vivo: “Todos os momentos anteriores pareciam tê-lo preparado para isso. É a prova para a qual treinou a vida toda” (Galera, 2012, p. 371).

Acorda pela manhã em uma praia distante de Garopaba. Ao chegar em casa, extenuado, sua primeira atitude é olhar-se no espelho, como se precisasse se certificar de sua transformação pessoal. Agora entende a reação transtornada do seu avô: ele viu “uma aparição, uma versão mais jovem de si mesmo. Algo que não devia estar ali” (Galera, 2012, p. 378).

Mas a mudança do filho não poderia ser realmente consolidada sem uma boa briga. Se no início havia alguma implicância com a presença do jovem protagonista naquela cidade, finalmente tudo nele parece estar identificado à figura do avô, o que reabre feridas antigas de parte da população local. A briga acontece no fim da história, provocada por um valentão local que parece tomar as dores dos seus antepassados.

Após o incidente, uma nova imagem é construída: ao contrário do avô e do pai, o filho não foge, não se ausenta, não desaparece. Ele enfrenta as adversidades, sofre as pancadas, mas termina vitorioso. O desprezo se converte em respeito e admiração. O espectro desagradável do avô é de certa forma eliminado em definitivo.

A conclusão da leitura do romance nos leva de volta ao misterioso prólogo. Só nos parágrafos finais percebemos que o começo do livro contém o relato de como o filho-protagonista encontrou sentido para a sua vida, assumindo as rédeas da própria história. Não há mais resquícios daquele jovem sem chão, aflito e perdido em seus sentimentos e identidade, que havia deixado o lar em busca de consolo e afirmação. Agora, ele é parte do imaginário coletivo de Garopaba:

E o que podemos chamar de fatos terminam aí. O restante dos depoimentos é composto de uma sobreposição caleidoscópica de rumores, lendas e

narrativas pitorescas. Diziam que ele era capaz de passar dez minutos embaixo d'água sem respirar. Que o cachorro que o seguia por toda parte era imortal. Que tinha enfrentado dez nativos ao mesmo tempo numa briga com as mãos limpas e vencido. [...] Mais do que uma ou duas pessoas disseram não acreditar que ele estivesse realmente morto (GALERA, 2012, p. 9).

As histórias e os contextos podem ser diferentes, mas impressiona como os embates entre pai e filho são uma ferida aberta nas relações interpessoais, com sérias implicações na estrutura emocional e identitária de cada indivíduo e, por extensão, da sociedade contemporânea. São romances que focalizam personagens inicialmente desnorteados pelos impactos do legado de seus pais, vivendo à deriva em relação às próprias emoções e identidade, mas que conseguem experimentar e pavimentar novos caminhos. Os filhos-protagonistas de *Diário da queda* e *Barba ensopada de sangue*, bem como o pai de *O filho eterno*, encontram um novo rumo a partir do momento que encaram de frente o desamparo e a solidão e abraçam a paternidade da qual foram privados durante boa parte de suas vidas.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ARAÚJO, M. G. C. de. A propósito de “Subjetividade, crise e narratividade”. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza, v. II, n. 1, mar. 2002, p. 79-91. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482002000100007] Acesso em: 22 nov. 2016.
- BAUMAN, Z. *A ética é possível num mundo de consumidores?* Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BORDINI, M. da G. Crises pós-modernas e o fim das utopias: o lugar da literatura. In: HELENA, L. (org.). *Literatura, intelectuais e a crise da cultura*. Rio de Janeiro: Contra Capa; CNPq, 2007, p.51-63.
- CHIARELLI, S. O gosto de areia na boca – sobre *Diário da queda*, de Michel Laub. In: _____; DEALTRY, G.; VIDAL, P. (orgs.). *O futuro pelo retrovisor – inquietudes da literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- EAGLETON, T. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.



FERRY, L. *Famílias, amo vocês: política e vida privada na época da globalização*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

FREYRE, G. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

GALERA, D. *Barba ensopada de sangue*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HELENA, L. *Ficções do desassossego: fragmentos da solidão contemporânea*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2010.

KEHL, M. R. “Em defesa da família tentacular”. Disponível em [<http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/emdefesadafamiliatentacular.pdf>] Acesso em: 29 abr. 2016.

LAUB, M. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MACÊDO, K. B. A propósito de “O desamparo do indivíduo na modernidade”. *ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. Niterói, v. 2, n. 1, 2012. Disponível em [<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/view/742>] Acesso em: 26 set. 2014.

OLIVEIRA, M. L. W. de. *Revirando casa e mundo: representações literárias do herói e da família. Um estudo do romance português contemporâneo*. Niterói: EdUFF, 2011.

REIS, J. R. T. Família, emoção e ideologia. In: LANE, S. T. M.; CODO, W. (orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 99-123.

SILVA, K. V. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SILVEIRA, M. L. da. A propósito de “Família: conceitos sócio-antropológicos básicos para o trabalho em saúde”. *Família, saúde e desenvolvimento*. Curitiba, v. 2, n. 2, jul. dez. 2000, p. 58-64. Disponível em [<http://revistas.ufpr.br/refased/article/viewFile/4927/3751>] Acesso em: 10 dez. 2016.

TEZZA, C. *O filho eterno*. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.